

# ALMANAQUE

## FAÍSCAS

DA JUVENTUDE  
CAMPONESA



**LEPEC**

LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
SOBRE ESPAÇO AGRÁRIO E CAMPESINATO



# ALMANAQUE

## FAÍSCAS

DA JUVENTUDE  
CAMPONESA



**LEPEC**

LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
SOBRE ESPAÇO AGRÁRIO E CAMPESINATO

## Expediente:

Nome da publicação: ALMANAQUE FAISCAS JUVENTUDE CAMPONESA

### Realização:

Turma Dom Tomás Balduino

Comissão Pastoral da Terra – Regional Nordeste 2 (CPT NE 2)

Laboratório de Pesquisas e Estudos sobre Espaço Agrário e Campesinato/Universidade Federal de Pernambuco (LEPEC/UFPE).

### Apoio:

Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### Textos:

Prefácio: Cláudio Libiratan Gonçalves;

Introdução: Valdeni Venceslau Bevenuto;

Juventude Camponesa: Marluce Melo, Almainy de Oliveira Silva, Claudemir Martins Cosme e Rosana Valéria Bevenuto da Silva;

Estratégias de R-existência da Juventude Camponesa: Valcilene Rodrigues;

Agronegócio X Modo de produção camponês: Anderson Camargo Rodrigues Brito, Geovani José Leão da Silva e Vaníbia Martins de Oliveira;

Agroecologia: cultivar a vida, alimentar os sonhos: Alexandre Chaves Bezerra, Bruna Maria da Silva Rapozo e Josefa Eurenice da Silva;

Agrotóxicos? NÃO!: Juliana Furari;

A luta pela Reforma Agrária que insiste em tardar: Claudio Libiratan Gonçalves e Renata Erica de Figueredo Ataíde;

O lugar do ser dos povos negros e indígenas;

Mercedes Soldá Perez;

Carta de uma mulher que viveu cem anos: Suana Medeiros Silva;

Educomunicação: a vez e a voz da juventude camponesa: Renata Costa César de Albuquerque e Valdeni Venceslau Bevenuto;

Dom Tomás Balduino: Profeta dos injustiçados da terra: CPT Nacional, editado por CPT NE 2

Mensagens bíblicas: Padre Tiago Thorlby

Receitas: Albérico da Silva Apolindrio e Equipe Mata Sul da CPT NE 2

### Organização e edição dos textos:

Alexandre Chaves Bezerra

Marluce Melo

Renata Albuquerque

### Revisão ortográfica:

Gabriella Muniz

### Projeto gráfico e diagramação:

Carmelo Fioraso

### Projeto de Capa e contracapa:

Larissa Isidoro Serradela

### Desenhos:

Deysiane Barbosa Marques

### Imagens:

Turma Dom Tomás Balduino

CPT NE 2

LEPEC/UFPE

### Impressão:

8 de Março Gráfica e Editora

Endereço:

Rua Theodomiro Selva, 269

IPSEP, Recife – PE

CEP: 51.350-330

Cnpj: 05.321.566/0001-39

Comissão Pastoral da terra – Regional Nordeste 2

Endereço:

Rua Esperanto,490, Ilha do Leite

Recife – PE

CEP: 50070-390

ISBN: 978-85-62093-11-1

## Índice

Prefácio -	6
Apresentação -	8
Juventude camponesa -	9
Estratégias de R-existência da Juventude Camponesa -	13
Agronegócio X Modo de produção camponês -	14
Agroecologia: cultivar a vida, alimentar os sonhos -	16
Como fazer? Receitas da roça -	18
Agrotóxicos? NÃO! -	20
A luta pela Reforma Agrária, que insiste em tardar -	22
O lugar do ser dos povos negros e indígenas -	24
Carta de uma mulher que viveu cem anos -	25
Educomunicação: a vez e a voz da juventude camponesa -	26
Como fazer? Jornal mural -	29
Lições aprendidas -	30
Biografia do patrono da turma: Dom Tomás Balduino -	32
Caça Palavras -	34
Palavras Cruzadas -	35

## Prefácio

Almanaque é memória do tempo. É registro do tempo da terra-natureza. Do tempo da ampulheta e do infinito. Do tempo de mulheres e homens que demarcam o espaço-território e se reconhecem na interação com as fases da lua, com os eclipses do sol, com o comportamento dos animais.

Assim se gesta esse instrumento, que é também uma espécie de oráculo que exerceu e exerce influência, desde tempos imemoriais, sobre mulheres e homens, principalmente sobre aqueles/as que cultivam a terra e dela vivem: os camponeses e as camponesas.

E a mistura de saberes e sabores dos conhecimentos da ciência com os conhecimentos da magia. A verdade é que, através dessa sábia ferramenta, muitos foram iniciados nas letras e organizavam suas rotinas de guardiães de sementes, plantadores/as, cultivadores/as e colheitadores/as. Com nome de origem árabe, al-manākh, atravessou o tempo-espaço dos continentes e aportou no Brasil colonial, trazido por mouros-ibéricos. De lá pra cá, muita coisa se transformou, mas o sentido de comunicar e aprender do almanaque permanece o mesmo.

E, assim, escrevemos nosso Almanaque, a partir da belíssima experiência produzida através do Projeto "Juventude Rural: Educomunicação e Agroecologia", desenvolvido no âmbito da chamada MCT/MDA-INCRA/CNPq Nº 19/2014 – Fortalecimento da Juventude Rural. Essa chamada pública teve como objetivo principal apoiar projetos de capacitação profissional e extensão tecnológica e inovadora. Foi dirigida a jovens de 15 a 29 anos de idade, estudantes de nível médio, que atuam nos assentamentos de Reforma Agrária, comunidades de posseiros e comunidades tradicionais, com foco na inovação tecnológica que desenvolvem ações de experimentação, validação e disponibilização participativa de tecnologias apropriadas para fortalecer o território camponês brasileiro.



Tu, ou melhor:  
Eu mesmo, Eu mesma  
A pessoa escondida  
No eterno...EUS

Uma vez numa eternidade  
Passo por aqui  
Na velocidade de anos luz  
A 300 mil km por segundo

Eu, Tu – Nós:  
Contemplamos bem este dia:  
Contemplar para completar  
Os dias da nossa vida

Carpe Diem  
Contemplar, completar;  
Agarre bem o dia para construir  
O Brasil que nós queremos

Padre Tiago Thorby



Na contramão do modelo hegemônico de produção, centrado na cidade e na indústria e que privilegia a vida e o consumo urbanocêntrico, trazemos em tela a juventude camponesa que, com sua rebeldia e sua criatividade, recusa-se a migrar para as metrópoles do litoral e do centro-sul do país. Contrária a um destino fadado à miséria da dependência e da insatisfação das necessidades básicas da existência, essa juventude tem a intenção de permanecer no campo, em defender seu território e continuar a reprodução da vida na terra de trabalho. Esta re-existência praticada no cotidiano da luta e no dia-a-dia da comunidade é garantia de alimento sem veneno, de soberania alimentar, de convívio entre as diferenças entre homens, mulheres e pessoas de credos distintos, de solidariedade e de uso comum do fruto sagrado da terra.

Desta forma, esperamos que o Almanaque Faíscas desencadeie um processo multiplicador nos trabalhos de base comunitária. Esperamos, também, que o Almanaque estimule, com seu diverso conteúdo, a organização social e política de grupos de jovens, de lideranças que atuam na saúde e na educação e que ilumine, com a luz do seu calor, a construção de projetos populares de interesse comum e de protagonismo juvenil.

Claudio Ubiratan Gonçalves

Professor do Departamento de Geografia e Coordenador do LEPEC/UFPE

# Apresentação

O Almanaque "Faíscas da juventude camponesa" é resultado da sistematização de saberes e conhecimentos construídos coletivamente e partilhados no curso Residência Agrária Juventude rural: Educomunicação e agroecologia, organizado através da parceria entre a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Camponato (LEPEC/UFPE) e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incrá).

Realizado de janeiro de 2015 a abril de 2017, o curso, que, inicialmente, atendia cerca de 50 jovens, chegou ao final com um número de 70 jovens que durante dois anos dedicaram-se, pela proposta da Pedagogia da Alternância, no Tempo-Escola, ao estudo de assuntos e conceitos que cercam o universo da juventude, da Reforma Agrária, da luta pela terra e da produção camponesa.

Durante o tempo de vivência em suas comunidades de origem, chamado de Tempo-Comunidade, a juventude realizou várias atividades que aprofundaram as discussões do Tempo-Escola. Esses momentos se deram de várias maneiras, tais como estudos de textos, debates, pesquisas, leituras, implementação e partilha de experiências. Além disso, a juventude participou de acampamentos de formação, intercâmbios e troca de experiências e, ainda, fortaleceu a sua organização, criando grupos de produção e de resistência no campo. Todas essas atividades proporcionaram o envolvimento de mais de dezenas de centenas de jovens que não estavam formalmente vinculados ao curso de Residência Agrária.

Os/as jovens logo batizaram sua turma de "Dom Tomás Balduino", pelo fato de esse profeta do povo ter em toda a sua vida lutado por Reforma Agrária, pela defesa dos direitos dos povos da terra, das águas e das florestas. Uma boa escolha de nome para um curso que viria logo a ser chamado de "Resistência Agrária", por contribuir com a formação dos jovens das comunidades tradicionais, dos assentamentos e dos acampamentos e por estimular a organização do bem viver no campo.

Essa experiência de formação e partilha, proporcionada pelo curso e vivenciada pela juventude de diversas comunidades camponesas do estado de Pernambuco, é carregada de aprendizagens que devem ser compartilhadas como grande exemplo de ação transformadora e de fortalecimento da identidade camponesa. O Almanaque Faíscas apresenta, então, um pouco deste processo de formação tão cheio de beleza. Nas próximas páginas, serão encontrados vários textos, artigos, informações, depoimentos, receitas e brincadeiras sobre as temáticas estudadas pelos jovens ao longo dos dois anos de curso. Esperamos, por fim, que esse material, fruto também de um processo coletivo de elaboração e sistematização, seja um convite à luta para a construção de um mundo de partilha e de solidariedade rumo à Terra. Sem Males! Boa Leitura!

## Juventude camponesa



Diante da fome do povo, Jesus pergunta:  
"Onde vamos comprar pão?"  
André diz "tem um jovem com 5 pães e 2 peixes!"  
E Jesus: "ajude o povo a se organizar." (Jo 6: 1-15)

A justiça é o pão do povo.  
O povo necessita do pão diário.  
Quem amigos-amigas, deve prepará-lo?  
Deve o pão da justiça ser preparado pelo povo (Bertolt Brecht)

(e capriche na manteiga!)

Ao longo da história do Brasil, os povos do campo enfrentaram e lutaram contra os mais diferentes problemas que os afligiram. Resistiram, e resistem até os dias atuais, contra toda forma de opressão, subordinação e violência com que são tratados, seja pelos latifundiários, pelo agronegócio, seja pelo Estado e os diferentes governos.

É que o modelo de desenvolvimento para o campo executado pelo Estado Brasileiro privilegia os grandes proprietários de terra e o agronegócio. O resultado disso não poderia ser pior: concentração de terras e renda, destruição do meio ambiente, exploração do trabalhador e da trabalhadora, bloqueio da Reforma Agrária.

E o que os/as jovens têm a ver com isso? Tudo. Esse modelo predominante de agricultura existente no nosso país é o principal responsável pela expulsão de famílias inteiras do campo e impacta, principalmente, os/as jovens. Os povos da terra, das águas e das florestas, apesar de cumprirem muito bem a missão de cuidar da natureza e alimentar a população, são considerados pelos governantes como atrasados, sem valor e sem perspectiva.



Por isso, não há políticas de Estado consistentes que garantam os nossos direitos. Não há escolas, não há educação no campo, não há transporte, nem postos de saúde, não há valorização do trabalho na roça, nem há lazer na maioria das comunidades camponesas! Não é por acaso que a juventude representa a maior parcela dos que migram forçadamente para os centros urbanos. Todos esses problemas sociais no campo atingem com mais facilidade os/as jovens!

Para piorar a situação, a mídia, as novelas, as revistas, os livros escolares e os discursos dos/as professores reforçam, ainda mais, a ideia de que o campo é atrasado! Todo esse jogo pesado desestimulou, e ainda desestimula, muitos jovens a permanecerem no campo. E a situação das mulheres jovens ainda é mais precária! A cultura patriarcal e a desigualdade nas relações de poder nas famílias tornam as possibilidades de permanência no campo ainda mais difíceis para elas.

## Desenhando um novo amanhã!

Apesar dos problemas, das angústias e dos dilemas vividos, a juventude vem demonstrando enorme capacidade de mudar essa história! Cada vez mais, milhares de jovens têm se organizado em grupos e se mobilizado, apresentando pautas e bandeiras de lutas e dialogando com a sociedade.

Nessa história, a juventude camponesa tem dado um grande exemplo de organização e mobilização! No campo, os/as jovens começaram criando grupos em suas comunidades. Depois, ajudaram outras comunidades a criarem seus próprios grupos também! Aí, a ideia foi se espalhando e, mais e mais, jovens passaram a criar redes de articulação local, regional e até nacional!

São "jovens rebeldes" que, de forma consciente, lutam contra o preconceito construído historicamente, o qual valoriza o urbano e despreza o campo. São jovens que não estão isolados, comunicando-se em redes, movimentos e organizações sociais em busca da transformação de toda a sociedade. São jovens que (re)afirmam, sem medo e com convicção, em alto e bom som, sua identidade camponesa.

E eles/as estão de olhos abertos, debatendo e lutando em prol da Reforma Agrária e da defesa de seus territórios tradicionais, praticando a agroecologia, reivindicando uma educação libertadora, enfrentando o machismo, estudando e se formando criticamente! Ufa! é muita luta que essa juventude anda fazendo!



## Você sabia?

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE, em 2010, a população jovem no Brasil é de, aproximadamente, 50 milhões. Desses, 8,5 milhões vivem no campo. No Nordeste, são 14 milhões de jovens, sendo 4,2 milhões vivendo no campo.

O curso Residência Agrária "Juventude rural: educomunicação e agroecologia" foi uma prova viva da importância dessa formação crítica da juventude do campo. Foram tantos jovens! Foi uma diversidade enorme que se uniu pela vontade de conhecer e partilhar os conhecimentos trazidos da experiência cotidiana de cada um/uma e, assim, construir, juntos, novos caminhos. A juventude fez acontecer!

Mas não vamos parar por aí, é preciso muito mais! É chegada a hora de fortalecer, ainda mais, o papel ativo e autônomo da juventude na construção dos rumos do campo brasileiro. Precisamos conquistar espaços nas instâncias de decisões (família, comunidade, organizações e movimentos) e precisamos dialogar, ainda mais, com os jovens urbanos para acabar de vez com o preconceito de que o campo é atrasado!

Temos que lutar para que o Brasil mude o modelo de agricultura dominante e favoreça os povos que produzem alimentos saudáveis! É dever do Estado, no mínimo, melhorar a execução das políticas públicas existentes,

a começar pelo acesso à terra e aos territórios, à educação do campo com uma pedagogia de alternância, à saúde, à moradia digna, à mobilidade, à cultura, ao esporte, à inclusão digital, entre outras.

As conquistas da Reforma Agrária e da transformação radical da sociedade são dessa juventude camponesa, que resiste e luta por um Mundo Novo!

A caminhada é longa, mas já demos vários passos! Em janeiro 2015, no início do curso, éramos cerca de cinquenta, depois fomos aumentando para algumas dezenas de centenas e nos transformamos na "Residência Agrária". No sonho, na vontade, na certeza de carpe diem: agarrar o dia, realizar o sonho, cumprir a vontade e viver a certeza de que estamos vencendo a rotina, a monotonia e a indiferença, porque somos fortes, fortes o bastante para residirmos no campo, permanecermos no campo, resistirmos no campo. Como diz a música: "Vem, vamos embora, que esperar não é saber".





Fala aí, juventude!

Ester Alves – Comunidade Barra do Dia, Palmares/PE

“Sabemos que, se não dermos a nós mesmos o devido valor, seremos diretamente ou indiretamente comprados pelo capital, que insiste em “investir” nos jovens. As estatísticas mostram, claramente, que a migração dos jovens camponeses, que saem de suas comunidades para a cidade, não melhora as condições de vida. Muitas vezes, vão trabalhar como escravos, sem ter seus direitos trabalhistas reconhecidos. Migram por conta de falsas promessas que dizem ser boa a vida na cidade”.

Joabson Ferreira da Silva – Comunidade Barra do Dia, Palmares/PE

“Em nossa comunidade, nos reunimos para fazer trabalhos, reuniões, mutirões. Queremos que todos os jovens participem do grupo para que possamos fazer trabalhos e passar nossos conhecimentos uns aos outros. Não podemos ficar de braços cruzados. Temos que pensar e agir.”

Eduardo da Silva Diniz – Comunidade Couceiro, Palmares/PE

“Os jovens são vistos como que não cumprem suas obrigações ou seus deveres e não se vê que os jovens, assim como os adultos, têm seu trabalho, sua ocupação em sua comunidade ou em sua família. Nas famílias, os jovens ajudam seu pai e sua mãe. Como os pais lideram a casa, pensam que desempenham todo o trabalho. Com a organização, este pensamento de que os jovens não fazem nada, aos poucos, está chegando ao fim. Os grupos de jovens têm conseguido ocupar seus espaços e mostrar que também trabalham, seja com os pais ou na comunidade”.

## Estratégias de R-existência da Juventude Camponesa



Existem diversas formas de um(a) jovem resistir no campo ou na cidade sempre deve persistir buscar suas estratégias da vida tomar as rédeas e o futuro construir

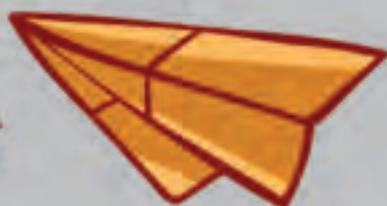
E, só para refletir sobre o(a) jovem rural leva a vida no campo de maneira natural pratica agrofloresta da roça faz uma festa e tem grupo cultural

Buscando ser bem plural aposta em diversidade planta tudo juntinho sem ter a rivalidade entre o milho e o feijão a banana e o mamão o couve e o abacate

A comida é de verdade e o tipo de produção gera renda pra o(a) jovem sem a especialização contribui com a natureza garantindo que na mesa se tenha alimentação

As vezes tem confusão com esse jeito de pensar têm muitos que não aceitam esse modo de plantar mas o(a) jovem que tem garra do Sertão até a Mata continua a batalhar

Nada pode atrapalhar a luta e a resistência no caso do Semiárido a palavra é convivência viver junto com a seca buscar derrubar a cerca que impede a resiliência



Na Mata tem divergência nas relações sociais tem luta no território impactos ambientais tem dança e tem relato teatro e artesanato tem os grupos culturais

Atividades gerais se somam na resistência juventude camponesa mostrando ter competência continuam resistindo e aos poucos vão produzindo uma nova existência

(Valcilene Rodrigues - abril de 2017)

# Agronegócio X Modo de produção camponês



“No suor do rosto comerás o teu pão...”. (Gen. 3:19)  
... e não explorando o suor dos outros!  
“E agora vocês, ricos, chorem e gemam por causa das  
desgraças  
que estão para cair sobre vocês... o salário dos traba-  
lhadores...  
o clamor dos ceifadores chegou aos ouvidos do  
Senhor”. (Tg. 5:1,4)

Agronegócio e agricultura camponesa: se comparássemos a uma partida de futebol, perceberíamos, imediatamente, que não há como os dois jogarem no mesmo time. O agronegócio e a agricultura camponesa não se combinam, não se complementam, nem se conciliam. São modos de produção conflitantes e contrários entre si. Mas o que é mesmo modo de produção? Modo de produção é a forma como uma sociedade organiza a sua produção de bens e serviços, incluindo a alimentação. Significa um conjunto de medidas, de relações e de maneiras pelas quais esses bens são produzidos, mas também utilizados, distribuídos e recepcionados pela população. Vamos entender um pouco mais sobre os diferentes modos de produção no campo?

## O modo de produção capitalista e o agronegócio

O capitalismo pode ser entendido como um regime de produção que tem na sua centralidade a apropriação do trabalho e da propriedade. Um punhado restrito de pessoas comanda os circuitos de produção e circulação de mercadorias, impondo regras, valores, concepções. Explica-nos o filósofo Karl Marx que toda riqueza é fruto do trabalho humano. Essa riqueza é entendida como um acúmulo de valor, que é medido de acordo com o tempo socialmente necessário para produção, somada à comercialização de produtos muito ou pouco sofisticados do ponto de vista tecnológico.

No nosso país, esse sistema de exploração/gestão do trabalho foi paulatinamente introduzido no campo a partir da criação dos Complexos Agroindustriais e das empresas do agronegócio, estimulados pelos governos brasileiros ao longo dos anos. Esse modo de produção, infelizmente, predomina no campo brasileiro e recebe grandes estímulos governamentais para crescerem ainda mais.

São alguns exemplos: as Usinas de cana-de-açúcar e as empresas produtoras de soja e de frutas tropicais para exportação. Exploram o trabalho das pessoas que vivem no campo ou na cidade e pagam

salários muito baixos. Essa é a forma tipicamente capitalista de produção: concebe a natureza como objeto de extração de lucro, o trabalho como custo financeiro e o produto final como mercadoria.

## Você sabia?

O capital aprofunda a divisão internacional do trabalho e está cada vez mais presente e interferindo nos modos de produção das comunidades camponesas, indígenas ou quilombolas, através dos agentes globais do capitalismo (bancos, multinacionais e estados-nacionais). São exemplos disso a imposição de pacotes tecnológicos, ou quando a empresa amplia suas atividades provocando a expropriação, a contaminação de leitos de rios e solos e os desmatamentos: formas comuns de violência contra o modo de produção camponês.

## Modo de Produção camponês

Os modos de produção camponeses e tradicionais r-existem no campo, nas águas e nas florestas, mantendo relações sociais com a natureza e o trabalho de um jeito diferente do modo de produção capitalista.

Os modos de apropriação e convivência com a natureza, os regimes de uso das terras e águas, coletivos ou societários, mantêm certo compartilhamento, seja das unidades produtivas ou dos frutos do trabalho, diferentes dos desempenhados nos circuitos de produção empresarial. No campesinato, fala-se de “modo de vida”, pois estão presentes, em todo o processo, as danças, os costumes, as poesias, a divisão das atividades e a sua relação espiritual com as águas, a terra e as florestas.

A terra é tida como local de trabalho (terra de trabalho), moradia, espiritualidade e cura, que se opõe à ideia da terra de negócio, de extração, de aproveitamento financeiro, de exploração ou destruição vista pelo capitalismo. A comunidade é sua referência de moradia, de mundo, de localização, mas os/as camponeses/as não estão alheios/as à dinâmica global, pois estão conectados via internet, rádio, televisão. Uma comunidade está sempre nucleada, seja por uma igreja, uma sede de associação ou por um marco simbólico/religioso, como uma lagoa, um açude, uma árvore de marcação,

uma montanha, um marco inicial que simbolize início ou recomeço.

A partir de diferentes estratégias de r-existência, os povos do campo se realizam enquanto comunidades, com distintos regimes de posse da terra. Pescadores, nem tanto ao mar, nem tanto a terra, revezam atividades de cultivo, pesca e processamento do pescado de maneira sazonal; extrativistas deslocam suas moradias para as matas de acordo com os períodos de colheitas; camponesas cultivam as terras de maneiras e tempos diferentes nos sertões e nas serras; posseiros r-existem ao cotidiano e ao violento assédio do canavial monocultor; quilombolas se inserem nas lutas pautando o passado escravagista e a superação do racismo; indígenas vivenciam a natureza como ambiente sagrado, de cura, entre vários outros modos de vida.

Existir no campo, lutar para não sair da terra ou se inserir nela são formas de produzir território, além de serem expressões de lutas anticapitalistas, pois, para o sistema capitalista, a terra é somente uma mercadoria que deve ser explorada, é um instrumento valioso de poder e de extração de riqueza e de lucro. Para os povos das terras, das águas e das florestas, a terra é mais que terra. A terra é vida, comunhão, partilha, comunidade!

### Referências:

- MARTINS, José de Souza. *O cativo a terra*. 2ª edição. São Paulo: LECH, 1981. *O poder do atraso*. 2ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- MARX, Karl. *O Capital*. Volume 01. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MELO, Thiago. *Faz escuro, mas eu canto*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1965.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo Capitalista de Produção e Agricultura*. Ática: São Paulo, 1986.
- A Geografia das Lutas no Campo*. São Paulo: Contexto, 1997.
- PORTO-GONÇALVES. *A natureza da globalização e a globalização da natureza*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- Os (des)caminhos do meio ambiente*. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 1996.

# Agroecologia: cultivar a vida, alimentar os sonhos

Sabemos que há várias maneiras diferentes de cultivar a terra e de produzir alimentos. Isso porque uma região pode ter um tipo de terra e de clima bem diferente de outra, por exemplo. E que cada lugar possui características específicas, podendo ser bem diferente de outro, podendo ser, também, parecido, mas não necessariamente igual. Por exemplo: na região Agreste, chove menos do que nas zonas da Mata Sul e Norte. Já no Sertão, chove menos que no Agreste. No entanto, em qualquer região, independente do bioma e da quantidade de chuva, podemos praticar a agroecologia!



“O, gente! Já foi explicado o que é bom e o que o Senhor Deus exige de ti:  
- praticar o direito  
- amar a misericórdia  
- caminhar humildemente com seu Deus” (Mq. 6:8)

Ninguém educa ninguém  
Ninguém educa a si mesmo  
Nos educamos entre nós  
... e o mundo é o meio.

Mas o que danado é agroecologia? E o que são as tais práticas agroecológicas? Perguntas bem interessantes, hein?!

A agroecologia é um conjunto de saberes e de conhecimentos sobre como cultivar a terra e produzir alimentos saudáveis, respeitando, escutando e cuidando da natureza, da Mãe Terra! Esse cuidado e essa harmonia com a natureza são muito importantes para o bem viver das famílias no campo.

Como tudo isso começou?

A agroecologia é tão antiga quanto a própria agricultura. Através da leitura e da observação atenta da natureza, das experiências, dos erros e dos acertos vivenciados pelos nossos antepassados, há milhares de anos, foram sendo construídos saberes e conhecimentos sobre a biodiversidade e os agroecossistemas específicos de cada região.



Essas vivências e sabedorias dos povos do campo são as bases das práticas agroecológicas e da agroecologia. O que plantar? Quando plantar? Quando colher? Quais animais podem ser criados na região em que vivemos? Quais são os benefícios de cada alimento? Como produzir alimentos saudáveis sem destruir a fertilidade da terra? Como cultivar e, ao mesmo tempo, preservar as fontes de água? Como tratar de pragas com defensivos

naturais? Essas são somente algumas das perguntas respondidas com muita sabedoria pelos camponeses e camponesas!

A agroecologia também promove o diálogo entre os saberes e os conhecimentos tradicionais das famílias camponesas com o conhecimento científico/acadêmico. Esse diálogo possibilita a retomada dos conhecimentos milenares dos povos e das comunidades tradicionais, como também a construção de novos conhecimentos, práticas e técnicas. Estes conhecimentos possibilitam a diversificação alimentar e a geração de renda, ao mesmo tempo em que estreitam os laços de solidariedade e espírito de cooperação no processo de produção



Seu Zé vive muito doente  
Não sabe muito bem o que tem  
E falta da soberania Alimentar  
Que pra ele não convém  
Planta milho, planta mandioca  
Mas só pensa no lucro, acaba colocando agrotóxico,  
Mas não pensa no futuro

(Poesia do residente José Alanilson  
escrita durante as atividades do 2º Tempo-Escola)

de alimentos, consumo e comercialização direta e solidária. A agroecologia possibilita, também, a permanência no campo e uma maior participação e um maior protagonismo dos camponeses e camponesas, em especial da juventude.

Por isso, é sempre bom lembrar: a agroecologia não se resume a uma série de informações técnicas sobre a produção de alimentos e a preservação da natureza! A agroecologia é muito mais! Ela compreende um conjunto de ações políticas, sociais, culturais, éticas e morais e muitos saberes e conhecimentos.

Durante o nosso curso de Residência Agrária, chegamos à conclusão de que as práticas agroecológicas são justamente o contrário das práticas maléficas do agronegócio e do latifúndio, porque elas fortalecem a vida na agricultura. Os camponeses e as camponesas se tornam independentes de empréstimos de bancos, dos agrotóxicos e dos adubos químicos e sempre terão alimentos saudáveis pra dar, vender e comer. Respeito às coisas da natureza e ao/à próximo/a são fundamentais.

Mãos à obra, mãos na terra!

Durante os debates e reflexões realizados nos encontros do Residência Agrária, os jovens constataram que algumas famílias em suas comunidades ainda dependem da queimada controlada, para limparem uma parte da terra, e de um pouco de agrotóxicos e adubos químicos, para fazerem o roçado. Então, decidiram mostrar que é possível mudar. Fizeram hortas agroecológicas em suas comunidades usando adubo natural, limpeza manual do terreno, sem uso de agrotóxicos, e, em alguns casos, ainda formaram mutirões chamando mais jovens para trabalharem em conjunto e falarem sobre essas práticas para outras famílias e comunidades.

Que tal se você e os/as jovens de sua região comessem as práticas agroecológicas em suas comunidades e depois trocassem ideias do que cada um está fazendo? Pode ser uma agrofloresta produtiva com muitos frutos ou uma horta agroecológica, quem sabe?! Vamos lá, vamos praticar!



# COMO FAZER?

## Receitas da roça

### BANANA

A banana é uma das frutas mais consumidas em nosso país. Porém, as empresas do agronegócio produzem bananas com muito veneno, além de preferirem cultivar somente um tipo da fruta, visando apenas ao lucro. Desse jeito, uma das frutas preferidas dos brasileiros chega a nossas mesas contaminada por diversos tipos de agrotóxicos, que prejudicam a saúde e contribuem para o desaparecimento de outras espécies de bananas.

Já os camponeses e as camponesas produzem de forma consciente as variadas espécies de bananas, assim como muitas outras frutas e hortaliças. Na região da Mata Sul de Pernambuco, por exemplo, várias comunidades camponesas aproveitam tudo da fruta: as folhas e os troncos das bananeiras servem para produzir artesanatos e utensílios; a banana, suas flores e suas cascas servem para produção de bolos, tortas, doces etc.

A banana é um alimento rico em vitaminas e em minerais e faz muito bem para a nossa saúde! Vamos aprender receitas deliciosas e saudáveis feitas pelas comunidades camponesas da Mata Sul de Pernambuco?

#### Banana chip

Ingredientes:  
Bananas verdes  
Óleo  
Limão

Modo de preparo: Descascar as bananas e deixá-las de molho em uma bacia com água e limão. Em seguida, cortar em rodela ou tiras e fritar em óleo fervendo.

#### Bolo da casca da banana

Ingredientes:  
3 kg de cascas de bananas maduras picadas  
3 xícaras de farinha de trigo  
5 ovos  
2 xícaras de açúcar  
1 colher de sopa de fermento  
250 g de manteiga

Modo de preparo: Bater no liquidificador os ovos, a manteiga e as cascas, até ficar uma mistura homogênea. Em uma bacia, reserva-se a farinha de trigo com o açúcar, misturando, em seguida, tudo que foi batido no liquidificador. Por último, acrescenta-se o fermento. Em uma forma untada com margarina, polvilhe com o açúcar e canela. Leve ao forno pré-aquecido por 60 minutos.

## MACAXEIRA

A macaxeira é um alimento muito importante e querido e que não pode faltar na mesa do povo brasileiro. Rica em nutrientes, a macaxeira também faz parte da nossa história! Foram os índios, os primeiros habitantes de nosso país, que descobriram a planta e passaram a cultivá-la. Durante o período da colonização, a macaxeira foi um dos alimentos mais consumidos não só pelos indígenas, mas também pelos africanos escravizados trazidos à força para o Brasil. Índios e negros escravizados aprenderam a utilizar tudo da planta, da raiz até a folha, para alimentar não somente seus corpos, mas a resistência e o sonho da liberdade.

Hoje, a macaxeira é conhecida no Brasil e no mundo por sua diversidade de preparos. São vários os subprodutos da raiz e são dezenas as receitas que podemos fazer: beijus, pães de queijo, tapiocas, pudins, molhos, bolos, pratos salgados e tantas outras coisas! No curso Residência agrária, os/as jovens camponeses e camponesas mostraram que entendem bem desse alimento cheio de história de resistência! Durante vários momentos do curso, alimentamos nossa esperança, nossa resistência e nossa animação com um bolo delicioso preparado por um dos alunos do curso! Vamos aprender?

### Bolo de Macaxeira

#### Ingredientes:

- 1 kg de macaxeira ralada e peneirada
- 1/2 kg de açúcar
- 4 ovos
- 1 manteiga (da pequena)
- 1 litro de leite de coco
- 1 xícara de trigo com fermento

Modo de preparo: Em uma tigela, coloque o açúcar, a manteiga e os ovos.

Mexa até ficar homogêneo. Em seguida, vá acrescentando os demais ingredientes: a massa da macaxeira, o leite e o trigo. Depois de a massa estar pronta, coloque em uma forma retangular ou quadrada. Não se esqueça de, antes, untar a forma com manteiga e trigo. Leve ao forno por 30 minutos a 280 graus. Depois do bolo assado, espere esfriar e sirva com um cafezinho.

Autoria: Albérico Apolinário (jovem da Mata Norte- Assentamento Nova Canaã)

# Agrotóxicos? NÃO!

Agrotóxico é um nome genérico dado às diversas substâncias químicas ou a venenos utilizados não só na agricultura, mas também no controle de pragas urbanas. Uma característica comum a todos os agrotóxicos é que, por serem tóxicos, matam a vida. Os agrotóxicos prejudicam seriamente a saúde do/a trabalhador/a que precisa aplicá-los nas lavouras, podendo causar intoxicações e levar à morte! Além disso, esses venenos ainda contaminam o solo, os alimentos, a água e o ar e matam a natureza.

O agrotóxico é uma das bases da produção agrícola do agronegócio. Não custa lembrar: os pilares do agronegócio são o latifúndio, a exploração do trabalho, o monocultivo e os pacotes tecnológicos, que incluem, além dos agrotóxicos, os fertilizantes químicos, as máquinas pesadas e as sementes modificadas e transgênicas.

Com o avanço desse modelo de produção do agronegócio, aumenta cada vez mais a concentração de terras e o uso de enormes quantidades de venenos para garantir a produção de mercadorias em escala industrial e para exportação.

O agrotóxico revela o potencial gerador de morte do agronegócio, que transforma os recursos públicos e os bens naturais em negócios e mercadorias. Revela-se perverso em seu modo de dominação e de degradação da força de trabalho dos/as camponeses/as e da natureza.

## Fique de olho!

Os pacotes tecnológicos, que necessariamente incluem o uso de agrotóxicos, chegam, muitas vezes, até as famílias camponesas como uma oportunidade traiçoeira de melhoramento da produção e da renda. No entanto, ao longo da história, as famílias observaram que o uso dessas tecnologias vem gerando impactos muito negativos, como: dependência de recursos externos para a sua produção (como fertilizantes químicos com alto custo e sementes compradas); perda da autonomia produtiva; perda do aproveitamento dos bens naturais e dos recursos locais; aumento da dependência econômica por meio de empréstimos, dívidas com bancos; produção de alimentos contaminados; risco de contaminação. Esses são apenas alguns dos tantos impactos negativos!

## Efeitos dos agrotóxicos na saúde das pessoas

O contato das pessoas com os agrotóxicos pode gerar impactos na saúde, tanto imediatos quanto a longo prazo. Esse contato pode ser direto, ou seja, no manuseio dos venenos, ou indireto, por exemplo, quando comemos um alimento produzido com o veneno.

1) Intoxicações agudas por agrotóxicos são as mais conhecidas e afetam, principalmente, as pessoas expostas em seu ambiente de trabalho (exposição ocupacional). São caracterizadas por efeitos como irritação da pele e olhos, coceira, cólicas, vômitos, diarreias, espasmos, dificuldades respiratórias, convulsões e morte.



## Você sabia?

### O BRASIL É O MAIOR CONSUMIDOR DE AGROTÓXICOS DO MUNDO

2) Intoxicações crônicas podem afetar toda a população, pois são decorrentes da exposição múltipla aos agrotóxicos, isto é, da presença de resíduos de agrotóxicos em alimentos e no ambiente, geralmente em doses baixas. Entre os efeitos associados à exposição crônica estão: reações alérgicas; câncer; esterilidade masculina; abortos em mulheres; malformações de fetos; distúrbios neurológicos, respiratórios, cardíacos e pulmonares; mau funcionamento do sistema imunológico; e desregulação dos hormônios de nosso corpo.

Desde 2008, o Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo inteiro. Só em 2010, foram jogados nas lavouras mais de 800 milhões de litros de venenos.

Em 2014, estima-se que foram consumidos 7,3 litros de agrotóxico por pessoas no país. Nesse mesmo ano, foram comercializados 36,6 bilhões de reais em agrotóxicos, sem contar com o contrabando dessas substâncias.

De 2007 até hoje, foram notificados no Sistema Único de Saúde (SUS) 34.282 casos de intoxicação por agrotóxico, mas se sabe que ocorreram muito mais casos, que não são registrados pelas dificuldades existentes de se relacionar as doenças ao uso do veneno.

O uso de agrotóxicos é um grave problema de saúde pública e de preservação da natureza! Por isso, os camponeses e as camponesas lutam muito para fazer valer outro modelo de agricultura para o campo, baseado na Agroecologia e na justiça social e ambiental!



# A luta pela Reforma Agrária, que insiste em tardar



"No princípio, Deus criou os céus e a terra." (Gen.1:1)

- e não deu título a ninguém

"Ai dos que reíñem campo a campo, até que não haja mais lugar e fiquem como únicos moradores no meio da terra!" (Is. 5:8)

## Reforma Agrária

O nome já diz: é a reorganização da estrutura fundiária de uma região ou de um país. O que está em jogo na reforma agrária é a transformação da propriedade da terra, concentrada nas mãos de uma classe social (latifundiário), para outra (camponesa). Quando afirmamos que a Reforma Agrária é uma necessidade urgente para o Brasil, não o fazemos sem razão, e sim porque a democratização de terras é uma solução para combater a grave desigualdade em nosso país.

Para compreendermos o processo atual de luta pela Reforma Agrária, precisamos voltar no tempo da invasão e da colonização portuguesa no Brasil, a partir dos séculos XV e XVI. Com a colonização, o que ocorreu nos inúmeros territórios indígenas, naquilo que denominamos hoje de América, foi um intenso e sucessivo processo de violência. A maior parte dos nativos, além de perder seu território, famílias e comunidades, teve sua força de trabalho usurpada e foi obrigada a trabalhar exaustivamente no projeto de conquista da "nova civilização", baseada na dominação desses povos, na exploração do trabalho e na concentração de terras.

Lei de Terras - Passados alguns séculos, já em 1850, foi criada a "Lei de Terras", que consolidou o mercado capitalista de terras no país. O que poderia ser o primeiro momento para a realização da reforma agrária foi, na verdade, a transformação da terra em mercadoria. Aos africanos escravizados, indígenas e brancos pobres (mestiços) foram bloqueados o acesso e o uso da terra.

## E a terra ganha um Estatuto

Já no século XX, o golpe militar e o regime ditatorial, instalado este na metade da década de 1960, vieram para reprimir violentamente a reivindicação por reforma agrária e para impor um modelo agrícola baseado na Revolução Verde. Desse modo, foram realizadas significativas mudanças conservadoras no campo político e nos setores sociais no país.

Com o enorme descaço aos povos do campo, foi criado o Estatuto da Terra, recomendado pelo então presidente ditador Castelo Branco, em novembro de 1964, com objetivo de ser uma lei curta e direta, em que estariam estabelecidas as bases e os meios para a Reforma Agrária, tanto reivindicada pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Contudo, o Estatuto da Terra não serviu para nada. Ou melhor, serviu para as multinacionais, pois nele está escrito que as empresas rurais terão grandes incentivos fiscais no imposto de Renda. Os posseiros, moradores de condição e agregados sem terra foram os mais afetados nesse processo.

## Democracia?

Terminou o período da Ditadura e começou o processo de reabertura política, na década de 1980. No entanto, os povos do campo continuaram sendo massacrados. O tão aguardado Plano Nacional da Reforma Agrária

(PNRA), elaborado no processo de redemocratização, agitou fortemente diversos setores da sociedade. De um lado, estavam aqueles que defendiam a execução imediata da reforma agrária: os trabalhadores e as trabalhadoras rurais, os seus sindicatos, a Igreja e diversas organizações sociais. Do outro lado, estavam os que eram contrários à realização de qualquer Reforma Agrária: eram os fazendeiros latifundiários e a UDR (União Democrática Rural), que de democrática nada tinha. Porém, mais uma vez, os poderosos venceram e o Plano não representou mudanças positivas para os povos do campo. Ao contrário, tivemos a adoção do modelo econômico neoliberal.

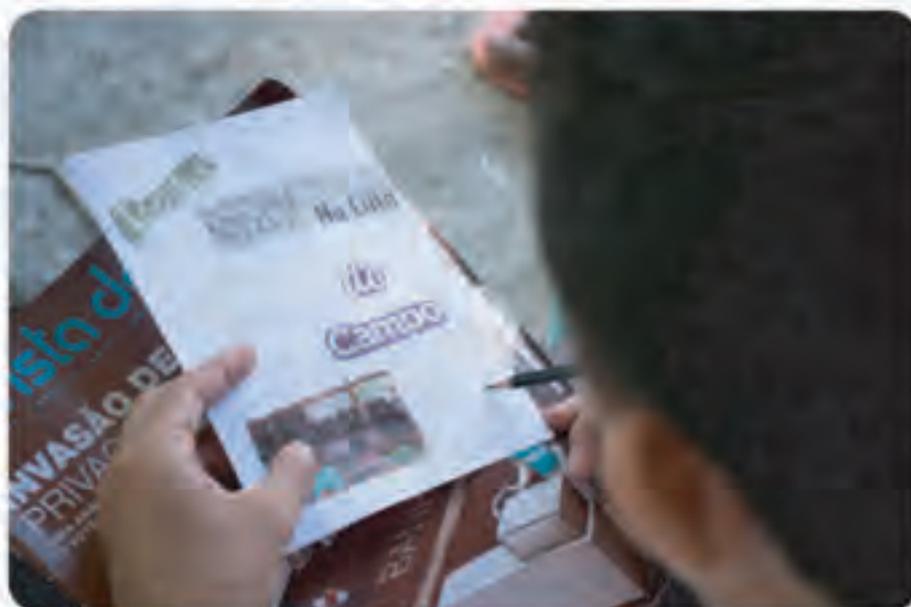
No início do século XXI, a chama da esperança reacendeu com a chegada de Lula ao poder. No entanto, seu governo de coalizão com senhores do latifúndio e com o capital logo desfez a crença de mudanças radicais via espaço institucional. Neste sentido, o século XXI veio prenhe de possibilidades de mudanças radicais, através da educação. E que boa parte das organizações sociais percebeu a necessidade de se voltar para formação e estudo, despertando a capacidade de recriar novas formas de articulações e lutas em defesa da Reforma Agrária e dos territórios tradicionais. Assim, os povos do campo reformulam suas estratégias diante do Estado e frente à expansão do capital.

Em 2016, o país sofre um novo Golpe que representou a tomada do poder central pelos grupos políticos mais reacionários e conservadores, incluindo os senhores do latifúndio. Isso só fez intensificar a violência no campo e a criminalização das lutas sociais.

## A esperança é a luta

O período colonial já acabou, mas os colonizadores apenas trocaram de roupa. Hoje, eles são os grandes latifundiários, ainda no campo, e gozam de imenso poder em Brasília. E por causa disto que, mesmo diante das intoleráveis injustiças sociais que provocam ao Brasil, ainda estão imunes.

As leis do Estado sempre serviram para proteger os interesses dos latifundiários, enquanto os trabalhadores e as trabalhadoras do campo têm que lutar muito para que seus direitos sejam garantidos e respeitados. E por isso que a luta na permanência e na defesa do território segue firme e a reforma agrária se torna mais necessária que nunca!



## O lugar do ser dos povos negros e indígenas

Durante centenas de anos, e até os dias atuais, as pessoas negras e indígenas têm sofrido preconceito, discriminação e maior exploração, ao ponto de serem escravizadas, inferiorizadas e colocadas no lugar do "não ser". Frente a essa grande injustiça, os negros, as negras e os/as indígenas r-existem para reproduzir suas vidas a partir de seus próprios parâmetros socioculturais e, assim também, lutam por ter territórios nos quais possam se recriar.



As r-existências desses povos são no sentido do reconhecimento das suas identidades, das suas culturas, das suas terras/territórios de vida. O direito ao reconhecimento identitário e territorial de comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, está garantido pela Constituição Federal do Brasil de 1988. Mas isso não é o suficiente. As lutas e r-existências dessas populações precisam continuar, especialmente neste contexto atual de golpe de Estado. Pois, é preciso garantir o direito ao uso, ao controle e à manutenção de territórios tradicionais, o que implica, ao mesmo tempo, a garantia de condições sociais e materiais de existência, que lhes foram historicamente negadas.

Com a luta e a r-existência, negros, negras, índios e índias deslocaram-se do lugar do "não ser" em que foram colocados e recriaram as suas vidas a partir dos seus próprios parâmetros, afirmando a possibilidade de um mundo onde caibam muitos mundos.



## Carta de uma mulher que viveu cem anos

Eu me chamo Valentina, e você? Rosa, Elisabete, Margarida, Julião, Helena, João? O meu nome significa “forte”, “valente”! Ainda bem, porque eu tive mesmo que ser! Nasci em uma época em que era muito difícil e doloroso ser mulher. Ainda é. E não é pouco.

Quando eu nasci, as mulheres não podiam votar, não podiam escolher, por meio do seu voto, quem governaria o país, nem seu estado, nem sua cidade! Por que será que era assim? Acaso pensavam que não éramos gente ou que não éramos desse planeta? Acaso pensavam que nós não entendíamos de política, de economia, da nossa sociedade? Só em 1934, o Estado brasileiro decretou que as mulheres podiam votar e também se candidatar a cargos políticos.

A nossa luta para viver bem no campo

Estudos mostram que, até o ano 2000, no Brasil, o número de mulheres proprietárias de terras era bem menor que a quantidade de homens proprietários (homens proprietários: 89%; mulheres proprietárias: 11%). Isso acontecia por vários motivos! No caso da Reforma Agrária, por exemplo, mesmo que as famílias fossem as beneficiárias dos programas, o título ou a escritura da terra sempre era no nome do homem da família. Essa realidade só começou a mudar em 2003, quando o Governo Federal publicou a Portaria n.º 981 e a Instrução Normativa n.º 38 do Incra, que obrigam a titulação conjunta para casais nos lotes de assentamentos da Reforma Agrária.

E no caso de separação/divórcio, o lote ou parcela deve permanecer com a mulher, se ela tiver a guarda dos filhos ou filhas. Com essa mudança no ordenamento jurídico, o número de mulheres proprietárias aumentou consideravelmente, fazendo justiça à luta das camponesas! No ano de 2010, já tínhamos quase 50% dos títulos de terra no nome de mulheres. Isso nos mostra que, assim como os homens, as mulheres têm participação e responsabilidade na manutenção da família e, portanto, devem ter os mesmos direitos. Esse direito foi reivindicado com bastante força pelas camponesas. Organizaram-se tanto que, no ano de 2000, decidiram realizar, em Brasília, a Marcha das Margaridas. Desde então, todos os anos, milhares de companheiras realizam a Marcha das Margaridas para reivindicar a inserção igualitária delas nas políticas de reforma agrária e a valorização do campo de forma geral.

Ao longo da história, fomos vistas pela sociedade e pelo Estado como descapacitadas, inferiores ou, simplesmente, domésticas. O sistema patriarcal nos impõe uma dominação e uma violência não somente relativas ao trabalho, às finanças e à política, mas também à nossa própria família, às nossas escolhas de vida, ao nosso direito de ser quem queremos ser. Sofremos violências de vários tipos, que vão desde a física, a sexual até a psicológica e a moral.

A nossa história enquanto mulher é dura, mas é também fortaleza. Ainda temos muito que lutar e amar para conseguirmos, enquanto seres humanos, conviver como iguais, sejamos mulheres negras ou brancas, homens negros ou brancos, índios ou índias, povos de todas e quaisquer etnias e histórias. Que todas as Valentinas, Marias, Cristinas, Julianas, Anas e Franciscas possam ser livres e respeitadas como humanas iguais em direitos. Que nós, mulheres, sejamos mais amigas, mais irmãs e mais solidárias com as outras mulheres, para que tenhamos mais força e mais amor! E que todos os Pedros, Joaquins, Alexandres, Inácios, Sebastões e Eduardos possam fazer esse respeito e essa luta serem responsabilidade deles também.

### Referências:

GARCÍA, Maria Franco; MONTEIRO, Karoline dos Santos. Acesso das mulheres à terra e ao território no Brasil: entraves e estratégias das camponesas quilombolas no espaço agrário da Paraíba. In MITIDIERO JÚNIOR; GARCÍA, M.F.; VIANA, P. C. G (orgs). A questão Agrária no século XXI. Escalas, dinâmicas e conflitos territoriais. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SOF, Sempre Viva Organização Feminista. Mulheres em luta por uma vida sem violência. São Paulo: AZ Artes Gráficas e Editora, 2015.

WASELFSZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil. 1ª Ed. Brasília-DF, 2015. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015\\_mulheres.php](http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php)>. Acesso em: 20 mai. 2016.

# Educomunicação: a vez e a voz da juventude camponesa

Educomunicação. No início, essa palavra, inusitada, soou estranha para os/as jovens camponeses/as que davam seus primeiros passos no curso Residência Agrária. Pouco a pouco, à medida que as atividades de formação iam se desenrolando, o termo deixou de ser incomum. Passou a fazer parte do vocabulário e do cotidiano de organização e luta da juventude camponesa. Mas, afinal de contas, o que é essa tal de educomunicação?

Educomunicação é o bonito e revolucionário encontro de duas palavras: educação e comunicação. Podemos começar afirmando que na educomunicação a gente utiliza variados meios de comunicação para fortalecer o nosso processo de aprendizagem e de formação sobre temas que dizem respeito à nossa realidade e à

nossa vida, como agroecologia, território tradicional, reforma agrária, luta por direitos, juventude, entre outros. Na educomunicação, a gente também analisa como os meios de comunicação atuam em nossa sociedade e como funcionam os discursos da grande mídia sobre as lutas camponesas. Assim, a gente fica mais esperto/a! Serd? Serd, que a história é assim do jeitinho que eles contam? Para a transformação da sociedade e do mundo, devemos pensar de maneira crítica, como já dizia nosso mestre Paulo Freire. Então, é hora de questionar a "imparcialidade", a "neutralidade" e a "verdade" dos grandes meios de comunicação.

As comunidades camponesas quase nunca têm espaço na grande mídia para divulgar suas ideias, seus pensamentos, sua produção camponesa, seus valores e culturas. Quando aparecem, geralmente, são apresentadas como atrasadas, criminosas e violentas, porque lutam por direitos. Os grandes meios de comunicação são, predominantemente, grandes empresas e corporações capitalistas, por isso, partilham dos mesmos ideais e defendem a elite e o agronegócio. Vamos ficar de olho aberto, pois a violência contra os povos do campo também ocorre a partir das ondas do rádio, das folhas dos jornais e das telinhas.



"Ai dos que transformam  
o direito em veneno  
e atiram a justiça por terra  
Tem horror de quem fala a verdade", (Am. 5: 7,10)

Há três verdades:  
- a minha verdade  
- a tua verdade  
- e a verdade

E diante de cada "declaração de doutor"  
Não se envergonhe de perguntar: "Serd? Serd?"  
"Veja com seus próprios olhos! O que não sabe por conta própria,  
não sabe.  
Verifique a conta. É você que vai pagar.

Não se deixe convencer  
Porha o dedo sobre cada item  
Pergunte: o que é isso?  
Você tem que assumir o comando. (Bertolt Brecht)



Os meios de comunicação são fortes instrumentos de mobilização, sensibilização, informação e formação. Por isso, é bastante importante que a juventude construa meios de comunicação que mostrem a sua realidade e que, também, fortaleça as lutas e o protagonismo das comunidades. O curso "Juventude rural: educomunicação e agroecologia" nos ajudou, e muito, nessa caminhada. Não foi, juventude?

## Você sabia?

Os jovens do curso Residência Agrária "Juventude Rural: Educomunicação e Agroecologia" pertencem a várias comunidades camponesas espalhadas por todo o estado de Pernambuco. Do litoral ao sertão. São comunidades quilombolas, assentamentos, áreas de posse e de conflito. Cada uma com características diferentes e jeito próprio de viver, de produzir e de se organizar. Mas elas possuem algo em comum?

Sim! Todas as comunidades tiveram e ainda têm que lutar bastante para conseguir o direito de pisar no chão. Isso mesmo! Tiveram que enfrentar muitos conflitos e violência e encarar o poder do latifúndio, do agronegócio e, até mesmo, do Estado. Essas comunidades são belos exemplos de resistência e luta para conquistar o direito à terra e ao território, para viver com dignidade e justiça! Mas não é só isso. Elas ainda têm outras coisas em comum. Cultivam a terra com sementes de esperanças e fé. Alimentam o mundo com os frutos que foram colhidos com dedicação e cuidado. E, no meio de tanta violência, à qual muitas ainda estão submetidas, seguem firmes construindo o caminho da solidariedade, da partilha, da vida em comunidade.

Lá, os/as jovens tiveram a oportunidade de produzir vários meios de comunicação, tendo sempre como ponto de partida a vida, a luta, as injustiças sociais e a realidade de suas comunidades.

Croquis, mapas, entrevistas, vídeos, charges, caricaturas, histórias em quadrinho, fanzines, textos, peças de teatro, programas de rádio, fotografias. Essas foram algumas das experiências que os jovens levaram para as suas comunidades.

Assim, a gente aprende a valorizar, ainda mais, o conhecimento e a realidade das comunidades camponesas! Aprendemos que suas histórias, suas lutas, suas formas de cuidar da terra e de toda a natureza precisam ser cultivadas e disseminadas mundo afora! Descobrimos que também podemos fortalecer a nossa identidade camponesa à medida que partilhamos os nossos conhecimentos, a nossa história e que fazemos a memória de nossas lutas! Essa é uma das dimensões mais fortes e importantes de todo o aprendizado da nossa educomunicação.

## Fala aí, juventude!



Mariana Lúcia da Silva – Comunidade Barra do Dia, Palmares/PE

no- mundo para a sociedade reportagens maquiadas para iludir o povo com notícias enga- ção sas. Nós, juventude camponesa, podemos nos apropriar dos meios de comunica- ção para nos comunicar, expressar nossas opiniões e sentimentos, partilhar nossas ideias, através de fanzines, vídeos, áudios entre outros”

Ana Paula Farias da Silva Comunidade Picos, Igaracy/PE

“[(Com os aprendizados sobre educomunicação.) podemos ver o desabrochar de um poder de resistência, transformando e criando um novo movimento de fazer acontecer a comunicação dentro da própria comunidade e ir avançando e quebrando barreiras. Os jovens usam os conhecimentos midiáticos para passar adiante o firmamento pela terra, que é nossa maior riqueza, nosso melhor lugar. Passamos a ser agente transformador da própria realidade.”

Madalena Lopes – comunidade quilombola Castairho, Garanhuns/PE

“Aprendemos os meios de comunicação comunitários, aqueles que são feitos pela comunidade e para ela. Por meio deles, a nossa comunidade ganha voz, podendo expor e compartilhar nossos ideais, nos permitindo contar o outro lado da história, aquela que não interessa à mídia golpista divulgada. São por essas razões que a comunidade de Castairho tem a necessidade de ter os seus próprios meios de partilhar informações, pois ela precisa se representar, já que a grande mídia não faz isso e, se um dia fizer, não vai ser algo de bom. Somos capazes de criar nossos próprios meios de comunicação.”

Isso mesmo, juventude! É muito importante que a gente partilhe todas as lutas, os saberes e os fazeres das comunidades camponesas! Assim, a gente mostra para todos e todas que estamos construindo um novo mundo. Um novo mundo de partilha, amor, solidariedade, com produção de alimentos saudáveis, de cuidado com a natureza e onde não haja mais espaço para a ganância e a violência do latifúndio e do agronegócio! Então, jovens, vamos continuar nesta estrada?

# Como Fazer?

## Jornal Mural

O que é um jornal mural?

É um meio de comunicação muito útil para a organização da comunidade. O jornal mural é afixado em locais de grande movimentação de pessoas. Geralmente, ele apresenta textos curtos e objetivos, que trazem informações relevantes para a luta das famílias. Podemos colocar informações como: informes da associação, do grupo de mulheres, do grupo de jovens e outros grupos da comunidade; lembretes; calendário de atividades; notícias e histórias da comunidade; imagens que expressam a realidade das famílias etc.

Materiais necessários:

Uma parede! (para colar o jornal mural);

Recortes de jornais, cartazes e revistas para fazer colagens;

Tesoura, folhas de papel, cola, durex, cartolinas, canetas coloridas, disposição, animação e criatividade;

Passo a passo:

1) Montar uma equipe de jovens que deve ficar responsável pela confecção do jornal mural e pela sua atualização periódica;

2) Planejamento do jornal mural: O grupo deve se reunir e planejar como será o jornal. Qual será o nome do jornal? Onde ele será exposto? Qual será a frequência de atualização? O jornal será dividido em quantas seções?

Exemplos de seções:

– Calendários de atividades: Datas importantes que a comunidade deve lembrar (ex.: Data de celebrações, reuniões, assembleias, eventos, audiências, marchas etc.);

– Informes da associação, grupo de jovens, mulheres e outros; Resumo do que foi discutido nas reuniões dos grupos, bem como seus encaminhamentos;

– Notícias da comunidade: Os acontecimentos mais recentes e que são importantes para partilhar com todos e todas;

– Imagens: fotos, desenhos, caricaturas. As imagens devem expressar a realidade e as lutas da comunidade;

3) Depois do planejamento, é hora de colocar a mão na massa. Para isso, é preciso que haja divisão de tarefas. Cada pessoa, ou cada subgrupo, deverá ficar responsável por uma seção.

4) A montagem do jornal pode ser feita da seguinte forma: o grupo pode juntar três ou quatro cartolinas, escrever com letras grandes e nítidas o nome do jornal na parte superior e, logo abaixo, colar as folhas de papel que contêm os conteúdos elaborados, ou, até mesmo, desenhar e escrever na própria cartolina. Depois de tudo bonito e organizado, é hora de fixar o jornal mural em um local de grande circulação de pessoas na comunidade (a sede da associação, por exemplo!).

5) Realização de reuniões periódicas de avaliação e planejamento para renovar as notícias do jornal.

Dicas:

Os textos devem ser curtos e objetivos(!);

Os títulos dos textos devem ser grandes e com letras nítidas;

As imagens podem ser feitas pelos próprios jovens (desenhos, histórias em quadrinhos, caricaturas etc.);

Com as revistas e jornais, os jovens podem recortar desenhos e palavras e fazer colagens criando novas mensagens(!);

Não se esquecer de colocar o “expediente” do jornal, ou seja, os nomes das pessoas que participaram da sua elaboração.

## Lições aprendidas

"Somos uma família. Nos tornamos uma família. Vou levar cada um comigo. Aqui quem fala não é só Gilvana, a colega, e sim a companheira de luta, de militância. Espero nos encontrar em várias outras lutas. O Residência me trouxe um aprendizado enorme, abriu um leque de ideias, coisas que eu já sabia e não queria aceitar. Hoje, eu aprendi. Toda essa experiência eu vou repassar. Hoje é difícil encontrar um jovem que não queira sair da sua comunidade. Mas, aqui, aprendi com vocês que eu posso construir um futuro melhor dentro da minha comunidade. Saber que eu não estou só na luta é muito importante. Todos aqui estão lutando pelo mesmo objetivo." (Gilvana da Silva - Engenho Una, Moreno/PE).

"Vamos aprendendo a história das outras comunidades e percebemos que são muito parecidas com a da gente. Hoje, eu me vejo mais fortalecida, mais determinada, porque esse curso não se resume só aqui, vai para a nossa comunidade. O pessoal da nossa comunidade também aprende o que nós aprendemos aqui. Deixo uma pergunta: o que fazer depois do curso? Ficar parado ou tentar continuar nossa formação? Deixo estas palavras: queremos, podemos e vamos fazer." (Maria da Conceição Brito - Comunidade Varzinha dos Quilombolas, Iguaracy/PE).

"É um curso que vai fazer bastante falta. Espero que a gente possa continuar na luta daqui pra frente. Aprendi no curso que uma das coisas que a gente tem que ter é união. Que a gente fique mais unido, lutando sempre junto. Também temos que pôr em prática todos os conhecimentos obtidos nesses dois anos. O curso finaliza, mas segue a caminhada com a comunidade." (Albérico Apolinário - Assentamento Nova Canaã, Tracunhaém/PE).

"Antes do curso, meu pensamento era ir para a cidade, porque, quando a gente estuda na escola, o ensino que eles passam é dizer que a cidade é melhor, que tem oportunidade e emprego. O campo é esquecido. Nada do campo se fala na escola. O Residência Agrária trouxe o amor pelo campo. Eu não conhecia a história da minha comunidade. Nunca me passou pela cabeça perguntar aos mais velhos como foi a história da nossa comunidade. O Residência fez isso: querer se conhecer. Foi a porta de volta para o campo, pois já estávamos indo embora. Com o passar do tempo, fomos entendendo porque devemos resistir no campo. Porque o campo está morrendo e, se não houver juventude camponesa, não haverá quem contar a história da nossa comunidade." (Eduardo da Silva Diniz - Comunidade de Couceiro, Palmares/PE).

"Foi difícil pra eu concluir o curso, porque meus pais não queriam que eu viesse, mesmo assim, eu insisti. O curso me fez olhar de outro jeito a história e a luta da minha comunidade." (Elsandra Gomes - Assentamento Chico Mendes, Tracunhaém/PE).



"O que eu aprendi e vou continuar aprendendo é o conhecimento sobre agroecologia e reforma agrária. O que eu tenho a dizer é continuar lutando e não desistir." (Marcos Felipe Lacerda - Comunidade Tambor, Palmares/PE)



"Foi uma experiência maravilhosa, algo que eu nunca tinha vivido e que eu nunca pensei em vivenciar. No curso, aprendemos que, como juventude camponesa, podemos, sim, buscar transformar as ideias das pessoas que, simplesmente, julgam os camponeses e veem com olhos negativos as nossas lutas, nossas histórias e conquistas. Tive uma pessoa que me perguntou o que era o curso do Residência Agrária. Eu falei que era um curso que transforma totalmente a vida. A pessoa me disse: 'Deixa disso. Se o curso entrar no teu currículo, as empresas não vão te querer'. E eu respondi: 'mas eu não quero ir para as empresas. Não me importo com o que elas pensam. Quero ficar no campo e continuar o que meus pais e avós construíram até hoje. Quero me reunir com a juventude camponesa para pensar, criar coisas que possam beneficiar a classe camponesa'. Como jovens, somos transformadores. Temos que ser exemplos vivos de força, determinação, coragem e animação da luta da classe camponesa." (Námad Farias - Assentamento Ismael Felipe, Tracunhuém/PE)

"Quem me conhecia antes, via que eu não tinha conhecimento nem dos meus próprios direitos. Não sabia me defender. Depois que comecei a participar do Residência, aprendi a me defender. Antes, a minha visão era pequena diante da visão que eu tenho hoje. Ano passado, meu esposo comprou uma casa na cidade e me perguntou se eu queria ir. Respondi: 'não, porque como é que eu vou morar na cidade? Como vou defender minha comunidade se eu não estou presente, como eu vou pro Residência? Se fosse antes, eu teria ido. Eu não queria viver no campo, eu queria ser uma empresária bem rica e botar um monte de gente pra trabalhar pra mim. O Residência mudou esse olhar de querer explorar o outro, porque eu ia explorar. Mas as coisas funcionam bem assim. A gente deve ter humildade e amor pelo próximo. Eu aprendi e vou levar isso pro resto da vida. Me formei uma cidadã revolucionária e crítica. Meus pais me veem fazendo tantas atividades do Residência, do grupo de jovens. Minha mãe diz que eu não tenho mais tempo de ir na casa dos meus pais. Mas, aí, o meu pai lembra que, quanto mais eu estudar, melhor, que ninguém vai me humilhar, como humilharam meus pais. Quantas vezes minha mãe não foi humilhada pelo usineiro? Minha mãe chegava em casa chorando por ter sido humilhada pelos administradores do Engenho. Muitas vezes, ela adoecia e eu não tinha o conhecimento de como defendê-la. Ela tinha que aguentar aquilo pra sustentar a gente. Eu não podia fazer nada, meu pai também não podia tomar as dores, porque eles tinham seis filhos pra sustentar. Hoje eu vejo o que minha mãe passou pra nós criar, o quanto ela foi humilhada. Eu me sinto vitoriosa por ter tido oportunidades que ela nunca teve na vida. Nem ela, nem meu pai. Eu abraço as oportunidades que me aparecem pra que ninguém me humilhe e que meus filhos vejam isso." (Edina Maria - Comunidade Barra do Dia, Palmares/PE)

## Biografia do patrono da turma

### Dom Tomás Balduino: Profeta dos injustiçados e injustiçadas da terra

Dom Tomás lutou toda sua vida por justiça social e pelos direitos dos povos da terra, das águas e das florestas!



Dom Tomás Balduino nasceu na cidade de Posse, em Goiás, em 31 de dezembro de 1922. Seu nome de batismo é Paulo Balduino de Sousa Décio. Seu pai, José Balduino de Sousa Décio, goiano, e sua mãe, Felicidade de Sousa Ortiz, paulista, tiveram onze filhos, sendo três homens e oito mulheres.

Viveu até os cinco anos na cidade em que nasceu. Depois, migrou com a família para o município de Formosa. Dom Tomás fez o Seminário Menor (Escola Apostólica Dominicana) em Juiz de Fora/MG e fez seus estudos secundários no Colégio Diocesano, em Uberaba. Curso filosofia em São Paulo e Teologia em Saint Maximin, na França, onde também fez mestrado em Teologia. Em 1950, lecionou filosofia em Uberaba. Em 1951, foi transferido para Juiz de Fora como vice-reitor da então Escola Apostólica Dominicana e lecio-

nou filosofia, na Faculdade de Filosofia da cidade.

Em 1957, foi nomeado superior da missão dos dominicanos da Prelazia de Conceição do Araguaia/PA, onde viu, de perto, a realidade indígena e sertaneja. Na época, a Pastoral da Prelazia acompanhava sete grupos indígenas. Para desenvolver um melhor trabalho junto aos índios, fez mestrado em Antropologia e Linguística, na UNB. Estudou e aprendeu a língua dos índios Xicrin, do grupo Bacajá, e Kayapó. Para atender à enorme região da Prelazia, que abrangia todo o Vale do Araguaia paraense e parte do baixo Araguaia mato-grossense, Balduino fez o curso de piloto de aviação. Amigos solidários da Itália o presentearam com um teco-teco, com o qual prestou inestimável serviço, sobretudo no apoio e na articulação dos povos indígenas, ajudando, também, a salvar pessoas perseguidas pela Ditadura Militar.

Em 1965, ano em que terminou o Concílio Ecumênico Vaticano II, foi nomeado Prelado de Conceição do Araguaia. Lá, viveu de maneira combativa os primeiros conflitos com as grandes empresas agropecuárias que se estabeleciam na região – com os incentivos fiscais da então Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.



nia (SUDAM) – e que invadiam áreas indígenas, expulsavam famílias camponesas e traziam trabalhadores braçais de outros Estados, que eram submetidos a regimes análogos ao trabalho escravo.

Em 1967, foi nomeado bispo diocesano da Cidade de Goiás, onde permaneceu durante 31 anos, até 1999, quando, ao completar 75 anos, apresentou sua renúncia e mudou-se para Goiânia. Seu ministério episcopal coincidiu, a maior parte do tempo, com a Ditadura Militar (1964–1985).

Dom Tomás procurou adequar a Diocese de Goiás ao novo espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II e de Medellín (1968). Por isso, sua atuação, no espírito da opção pelos pobres, marcou profundamente a Diocese e seu povo. Lavradores se reuniam no Centro de Treinamento onde Dom Tomás morava para definir suas formas de organização e suas estratégias de luta. Esta atuação provocou a ira do governo militar e dos latifundiários. Em julho de 1976, Dom Tomás foi ao sepultamento do Padre Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão Bororo, assassinados por jagunços, na aldeia de Merure, em Mato Grosso. Em sua agenda, no entanto, havia outra atividade planejada. Soube depois, por um jornalista, que nessa atividade, estava sendo preparada uma emboscada para eliminá-lo.

Dom Tomás foi fundamental no processo de criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 1972, e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975. Nas duas instituições, Dom Tomás sempre teve atuação destacada, tendo sido presidente do CIMI, de 1980 a 1984, e presidente da CPT, de 1999 a 2005. A Assembleia Geral da Pastoral da Terra, em 2005, nomeou-o Conselheiro Permanente. Por sua atuação firme e corajosa, recebeu diversas condecorações e homenagens Brasil afora. Dom Tomás Balduino, bispo emérito da cidade de Goiás (GO) e fundador da Comissão Pastoral da Terra, faleceu em 02 de maio de 2014.

Dom Tomás viveu sua vida em plenitude e em comunhão com a causa dos pobres da terra. Seu exemplo e sua luta estarão presentes, sempre, na caminhada daqueles e daquelas que lutam por uma terra sem males e por justiça social.

## Poema para Dom Tomás Balduino

Calou-se a voz de Tomás Balduino,  
nessa noite de 2 de maio.  
Uma voz que nunca quis ser sozinha,  
sabia, desde os anos de chumbo:  
uma voz solitária não suspende a manhã.  
Quis ser uma voz entre vozes,  
ergueu sua voz dentro do vasto coro dos oprimidos:  
os índios, os posseiros, os lavradores,  
os retirantes da seca e da cerca  
e os que se levantam contra elas,  
as mulheres, os negros, os migrantes, os peregrinos  
para forçar claridades, para ensinar amanhecer.  
Tomás é palavra.  
A palavra que banha como bálsamo  
A palavra que fustiga  
Incendeia.  
A palavra que perdoo  
mas aponta – sempre – o caminho da Justiça.  
E o que somos na vida?  
Somos os ossos das palavras  
que povoam o caminho de pedra ou flores  
que sangram os pés dos nossos filhos.  
Tomás é sertão.  
O sertão e suas armadilhas.  
O sertão e suas infinitas contradições.  
Tomás é sertão  
onde se dobram os ventos de Goiás e Minas,  
onde nascem águas  
nessa infinita geografia  
que alimenta nossas esperanças.  
Calou-se a voz de Tomás Balduino.  
Permanecerá sua palavra.  
Tomás é sertão:  
gesto de fé nessa gente que não se dobra.

Manhã de 3 de maio, como um quadro de Goya – Pedro Tierra

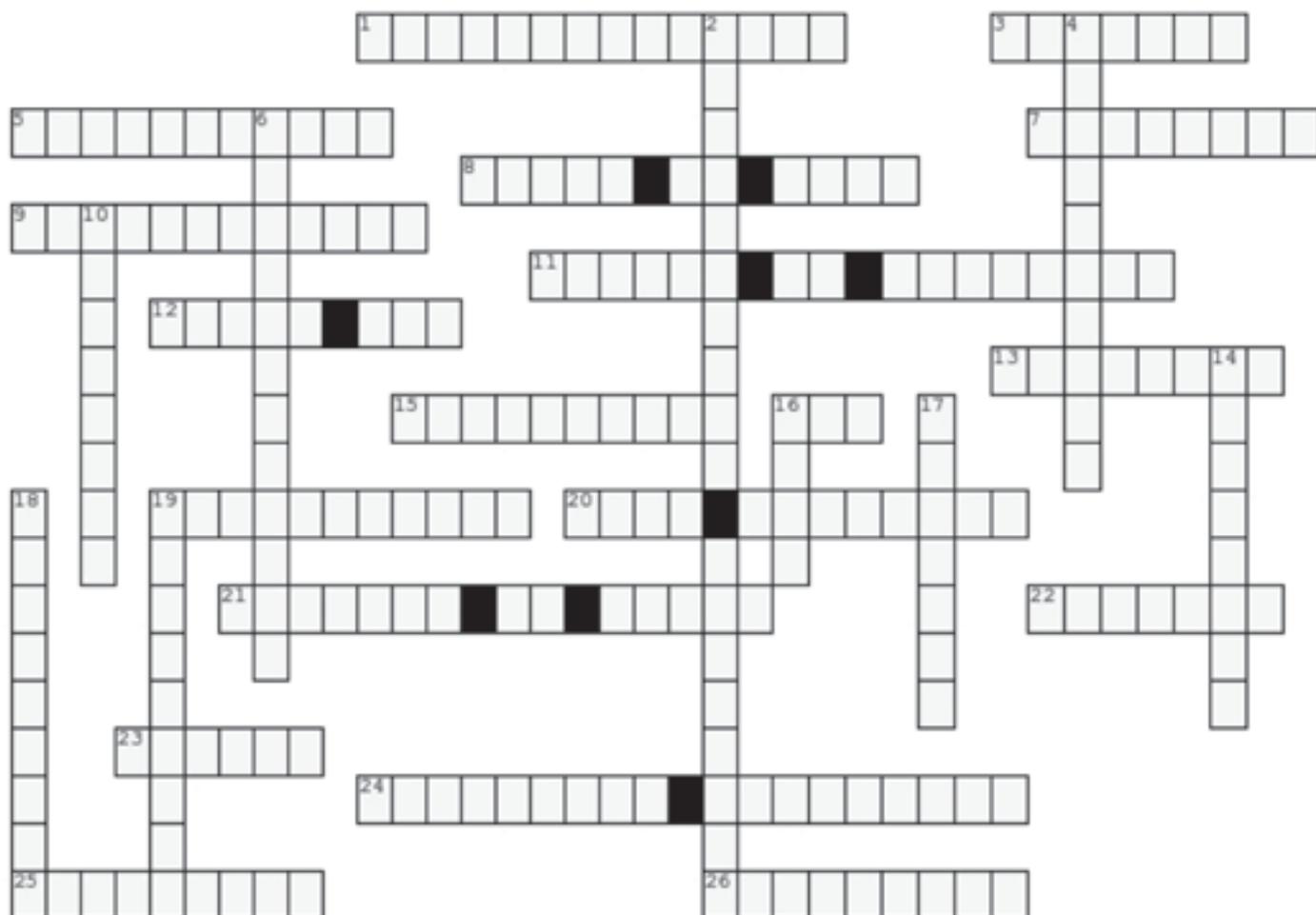
# Caça Palavras

B Ê M Ê A Ò R E S I S T Ê N C I A Y Á V  
Ú Z Â Á E O R A C Õ D Ó N V E L S O À Z  
L M A Q P M ã R I O ã O C U P A R Õ G J  
X E G Õ N Ò O Ç É G M J Ê F R M É U M S  
Ú I N F C R S T A G O U S Q A A Ê Ç E M  
Ç D D F U Z ã Ê ã Z S L N Ó C Z N Q Õ S  
Ô Ô S T C Ó Õ À C F I E O I Ç R Ô Q C R  
N U H O Ò U F S E R N X C D Ê Á C É I  
T F H G R Ó Í E V Ê L Q A Ò E A Ó E À T  
Û Â A V Ô T P ã Ô Ò A Z Ü G Ç O D Á T S  
H P C O N H E C I M E N T O R U R E Q I  
E D U C O M U N I C A Ç ã O C O Ó G Ê S  
Â O T A S Ü Z Ó C N C Y F A Ê V Q G A E  
S Ú S N Ç ã O U O A R Ê Ç Ú V C L N M R  
B N N H P T Õ Q F C M ã E Q W X J B T D  
Ó F A M Í L I A Z H O P Á B X Ç F Z Á K  
V Z O A I R O D E B A S O O X Ü T Õ Z O  
M U Ò O D Ó ã Ç T Ô Ó Ô Ú R ã Ü Ê I O F  
P R O D U Z I R Ó ã Ü O ã Ç U D O R P C  
Q J Õ O E L T Ç Z E A Á B V Ó Ü Z D V A

- (?) PRODUÇÃO
- (?) AGROECOLOGIA
- (?) ORGANIZAÇÃO
- (?) SABEDORIA
- (?) CONHECIMENTO
- (?) FAMÍLIA
- (?) COMUNIDADE
- (?) CARPE
- (?) DIEM
- (?) RESISTÊNCIA
- (?) FUTURO
- (?) EDUCAÇÃO
- (?) CAMPO
- (?) OCUPAR
- (?) RESISTIR
- (?) PRODUZIR
- (?) EDUCOMUNICAÇÃO



# Palavras Cruzadas

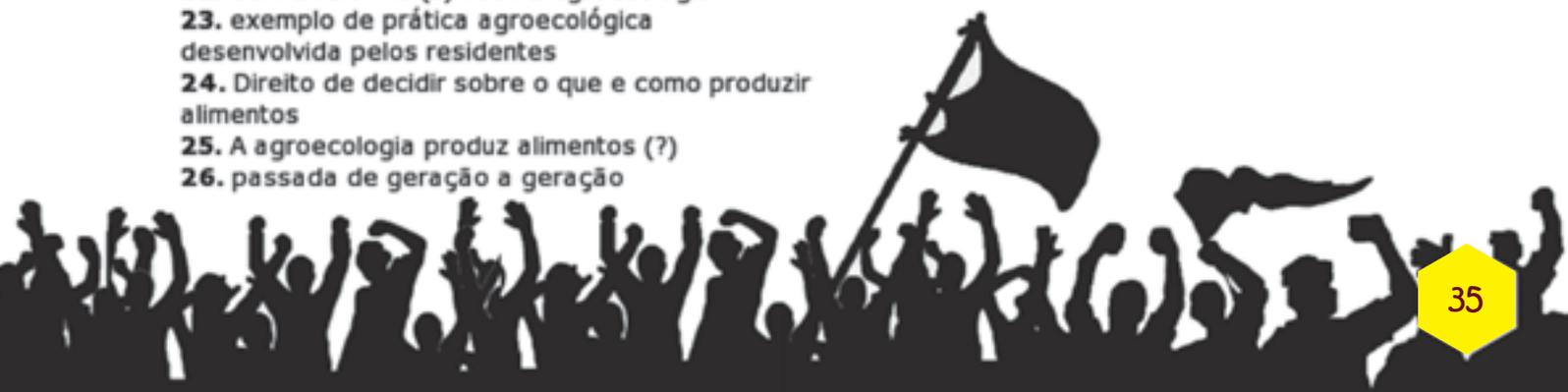


## Horizontal

1. a agroecologia conserva a (?) da natureza
3. adubo orgânico mais usado pelos camponeses
5. Sem ela, é difícil os/as camponeses obterem vitórias
7. sementes patrimônio da humanidade
8. é um fertilizante natural para os cultivos
9. forma de produção com florestas
11. lugar onde se armazena as sementes crioulas
12. o que a agroecologia proporciona
13. comunidade agroecológica visitada pelos residentes
15. a agroecologia não utiliza
16. Pastoral da Igreja que atua no campo
19. envenena camponeses e alimentos destruindo a natureza
20. A agroecologia vive em harmonia com o (?)
21. bercário de plantas jovens
22. sem a reforma (?) não há agroecologia
23. exemplo de prática agroecológica desenvolvida pelos residentes
24. Direito de decidir sobre o que e como produzir alimentos
25. A agroecologia produz alimentos (?)
26. passada de geração a geração

## Vertical

2. utilizado para combater pragas de forma agroecológica
4. Sem o qual as comunidades tradicionais não podem viver
6. produz alimentos saudáveis
10. Palavra de ordem: Ocupar, (?) e produzir
14. o contrário de adubo químico
16. Pastoral da Igreja que atua com povos indígenas
17. No sistema de (?), o plantio é feito em círculos
18. os camponeses são donos de fábricas de (?) saudáveis
19. com a agroecologia os camponeses adquirem





Realização:



**LEPEC**

LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
SOBRE ESPAÇO AGRÁRIO E CAMPESINATO

Apoio:

**HORIZONT**<sub>3000</sub>



Conselho Nacional de Desenvolvimento  
Científico e Tecnológico



**Pronera**



**Dka Austria**



**DIÖZESE GRAZ-SECKAU**